

## A PÓS VERDADE E OS DESAFIOS NO CAMPO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Jaqueline Máximo Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** As tecnologias da informação e Comunicação são uma realidade cada vez mais orgânica à vida comum, trazendo transformações significativas nos âmbitos sociais, econômicos, comportamentais e culturais. Na esteira de um mundo potencialmente apto a circular um sem-número de informações em ritmo frenético cabe ao educador pensar nas implicações dessa nova vida real/virtual, sobretudo ao que se refere à desinformação como um obstáculo à educação. Este artigo tem por objetivo discutir estratégias de combate às *fake news* nos conteúdos escolares de Geografia como forma de retomar a racionalidade científica na base da formação dos alunos dentro e fora das instituições de ensino nesse cenário de alienação e desinformação típicos da contemporaneidade, ao tempo em que busca desenvolver ações que permitam atualizar debates e experimentar campos de enfrentamento. Lança mão de uma breve contextualização teórico/metodológica sobre os possíveis impactos desse processo na educação básica, buscou-se propor uma estratégia prática a partir da oferta de oficinas que aprofundem debates sobre essa temática e proponha mecanismos de enfrentamentos eficientes e contundentes diante desse novo contexto, como também, possíveis desdobramentos atrelados à formação de cidadãos conscientes e questionadores.

**Palavras-chave:** Geografia; Fake news; Desinformação; Ensino de Geografia.

**ABSTRACT:** Information and Communication technologies are an increasingly organic reality in common life, bringing significant transformations in the social, economic, behavioral and cultural spheres. In the wake of a world potentially capable of circulating countless information at a frenetic pace, it is up to the educator to think about the implications of this new real/virtual life, especially when it comes to misinformation as an obstacle to education. This article aims to discuss strategies to combat fake news in Geography school content as a way of resuming scientific rationality at the basis of student training inside and outside educational institutions in this scenario of alienation and misinformation typical of contemporary times, at the same time which seeks to develop actions that allow updating debates and experimenting with areas of confrontation. Using a brief theoretical/methodological contextualization on the possible impacts of this process on basic education, we sought to propose a practical strategy based on the provision of workshops that deepen debates on this topic and propose efficient and forceful coping mechanisms in the face of this new context. , as well as possible developments linked to the formation of conscious and questioning citizens.

**Key words:** Geography; Fake news; Disinformation; Teaching Geography.

### INTRODUÇÃO

A disseminação desenfreada da desinformação/*fake news* na atualidade, categorias hoje discutidas como “pós verdade”, gera uma distorção da percepção da realidade e inviabiliza o desenvolvimento do raciocínio geográfico por grande parcela dos alunos da educação básica nas escolas brasileiras.

---

<sup>1</sup> Mestranda Mestrado Profissional em Ensino da Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, jaqmaximo@gmail.com



É importante ressaltar o necessário debate na interface entre o recente processo de desenvolvimento técnico científico informacional no contexto da globalização e seus desdobramentos nos vários campos da educação, do conhecimento científico, das várias áreas, e, em especial, a Geografia. Ademais, a pesquisa ainda se vale de uma interlocução com debates atuais que tangenciam teóricos da comunicação e sociologia para atender à proposta de construir estratégias de compreensão dos mecanismos da desinformação na sociedade atual e, desta forma, dificultar e/ou desconstruir *fake news* que impossibilitam o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Além da revisão bibliográfica que se centra nas teorias supracitadas da Geografia, a pesquisa busca atualizar os debates sobre a pós verdade em que as redes sociais direcionam o comportamento dos indivíduos, facilitando ao acesso a um sem-número de informações direcionadas ao consumo direto e indireto, impulsionando a desinformação/*fake news*. Para tanto, a pesquisa aplica uma oficina de combate às *fake news* nas escolas, tendo como público-alvo alunos da educação básica da cidade de Araruama, RJ, com dados quantitativos sobre o tema, visando compreender seus impactos construção do raciocínio geográfico e maneiras de combatê-las.

## **Objetivos**

### Geral

Discutir estratégias de combate às *fake news* nos conteúdos escolares de Geografia como forma de retomar a racionalidade científica na base da formação dos alunos dentro e fora das instituições de ensino.

### Específicos

- Analisar as consequências do uso de tecnologias de comunicação/informação na educação básica de uma escola específica da cidade de Araruama/RJ e relacioná-las com a disseminação descontrolada de *fake news* no ensino de Geografia.
- Buscar a compreensão de políticas e fatores (internos e externos) que impeçam a utilização de recursos tecnológicos de forma consciente por parte dos estudantes.
- Desenvolver pesquisas qualitativas e quantitativas como ferramentas de análise do problema em sala de aula; através de questionários, relatórios e debates sobre o impacto de *fake news* na compreensão da Ciência Geográfica.
- Propor estratégias metodológicas no formato de oficina que contribua para o combate desse processo de desinformação e pós verdade na área da Geografia.

Analisar os resultados dos trabalhos desenvolvidos em suas diversas etapas e traçar estratégias que viabilizem o desenvolvimento de raciocínios geográficos e reafirmem o compromisso com a racionalidade científica.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada tem sido esquematizada, com trabalho ainda em curso, a partir de uma revisão bibliográfica na interlocução entre a Geografia, a Comunicação e a Sociologia no estudo do fenômeno da desinformação/*fake news*, processo diretamente atrelado ao conceito de *pós-verdade*<sup>2</sup>. Busca-se compreender de que maneira seus impactos se entrelaçam na vida social, assim como no ensino de Geografia da educação básica.

Para tanto, a pesquisa lança mão de analisar o fenômeno com base na realização de uma oficina com alunos do 1º ano da turma de formação de professores/ educação básica do Colégio Estadual Edmundo Silva, situado na cidade de Araruama - Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro. Leva-se em conta, no processo de investigação, a realidade local desses alunos e os impactos dessa vivência na inviabilização de raciocínios geográficos a partir da desinformação. O tratamento dessa análise passa por uma abordagem didático pedagógica que visa trazer questionamentos sobre conceitos e conteúdos diretamente atacados pelas *fake news* na tentativa de falseamento da realidade. Serão aplicados também questionários socioculturais qualitativos e quantitativos sobre diversos conteúdos, para contextualizar o universo destes alunos e sua relação com a Geografia.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Diante do novo contexto social que apresenta a desinformação como dado concreto a partir do desenvolvimento das novas redes de informação, é de extrema importância o questionamento sobre o papel do professor para combater as consequências negativas da proliferação de *fake news* no âmbito escolar em todas as áreas de conhecimento, inclusive nas aulas de Geografia.

Os avanços mais recentes da rede mundial de computadores têm feito crescer ainda mais o número de informações e notícias de toda ordem. E esse é um dado estratégico para o

---

<sup>2</sup> O dicionário Oxford (MIDGLEY, 2016) descreve *Pós-Verdade* como um adjetivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais.

profissional de educação refletir a sua relação com o que o aluno absorve cotidianamente na busca por melhores resultados no processo de ensino/aprendizagem e no desenvolvimento da percepção crítica no processo de articulação do conhecimento. Há pontos bastantes positivos nesse mundo digital a serem analisados, mas, no mesmo contexto, permeiam neles outras questões bem preocupantes.

Moran (2004) considera que a internet é uma mídia capaz de estimular a motivação dos alunos no intuito de trazer novidades e possibilidades de pesquisa que podem facilitar o acesso ao conhecimento e contribuir decisivamente para o desenvolvimento da educação. Portanto, ela é uma ferramenta potencial computacional que serve como fonte de informações sobre a vida real num contexto que pode ser utilizado com as disciplinas escolares, contribuindo para a construção do conhecimento.

Ainda segundo o autor, a distância deixa de ser uma exclusividade geográfica e passa a ser necessário considerá-la como uma distância digital. A informação atualmente não precisa necessariamente passar pela autorização de emissoras e editoras de jornais ou revistas, mas basta que seja alocada nas páginas pessoais que são individuais e/ou empresariais e não comprometidas com fatos e ideias cientificamente corretas. Assim, mesmo sendo uma mídia de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem, é possível perceber a existência de incontáveis temas que podem ser considerados distorcidos, superficiais e/ou irrelevantes do ponto de vista educacional, sobretudo, pelo uso de redes sociais.

Esse mundo informacional, incontido e incontável, tem, também, direcionamentos de ordem capitalistas, típicos dos fenômenos da Globalização, cada vez mais permeado nos processos da vivência humana, mediados ou não por instituições como a escola, mas por meio do qual sentimos na pele os seus efeitos na formação de uma cultura de consumo cada vez mais voraz.

Assim é que Milton Santos, em seus estudos sobre a Globalização, nos adverte que o processo de aprendizagem precisa estar em consonância com as transformações socioeconômicas e políticas da atualidade. O educador precisa estar atento para as mudanças presentes no mundo atual. Por isso, um dado determinante da atualização da nossa realidade é a atenção à [...] chegada da técnica da informação por meio da cibernética, da informática, da eletrônica” (SANTOS, 2010, p. 25).

Deste modo, é imprescindível refletir sobre a influência das redes sociais digitais no cotidiano da população brasileira, no processo de ensino-aprendizagem e mesmo, de forma mais ampla e necessária, no fortalecimento de uma sociedade democrática (digital e não digital), fruto deste período e dos sistemas estabelecidos pelo meio técnico-científico-informacional. É

preciso perguntar-nos como, por exemplo, no dia a dia da população, esses aparatos digitais contribuem para reforçar ou quebrar lógicas institucionais estabelecidas nos campos dos saberes, na formação de alunos e em que medida a (des)informação semeada por esses aparatos nos afeta. Questionar como a técnica, a ciência e informação permitem novas formas de comunicação, ou seja, como configuram relações sociais a partir da aceleração da circulação de ideias, pessoas, mensagens, mercadorias interligando lugares e pessoas, estimulando novos comportamentos que não são espontâneos, seguem padrões de demandas (controle) do atual estágio do capitalismo digitalizado nos nossos dias.

A partir desse contexto macro técnico-informacional quase onipresente na sociedade moderna, retomamos a perspectiva da Geografia sob a leitura de Cavalcanti (2014), que o faz ao afirmar que o processo de aprendizagem - mesmo atualizado nesse mundo virtual cada vez mais significativo - é composto por três etapas: o pensamento prévio, a leitura do seu cotidiano e o embasamento teórico acadêmico oferecido pelo professor. Daí o seu desafio docente: detectar esse pensamento prévio e utilizá-lo da melhor maneira para o processo de desenvolvimento e consolidação do conhecimento. E um dos obstáculos mais frequentes, dentro e fora da área geográfica, é lidar com a desinformação que parece brotar embaixo de cada pedra.

Diante disso, é preciso se concentrar no fenômeno de desinformação propagada pelas *fake news*, atrelada ao atual contexto de informatização, em vários conteúdos no campo da Geografia, que pode comprometer a construção deste pensamento prévio e pensar em estratégias para combater seus efeitos que são intensificados pela utilização crescente das redes sociais.

A ideia de *fake news* é compreendida aqui como uma instância da notícia como desinformação, amplamente disseminada em vários níveis cotidianos e formas de acessos, independentemente de faixa etária e/ou camada social. Tandoc Jr., Wei Lime Ling (2017) destacam seis categorias para a compreensão deste fenômeno, amparadas em distintos estudos acadêmicos: 1) sátiras de notícias; 2) paródias de notícias; 3) fabricação de notícias; 4) manipulação de fotografias; 5) publicidade e relações públicas; e, por fim, 6) propaganda política (TANDOC JR.; WEILIM; LING, 2017, p.137). Conforme ponderam estes autores, as *fake news* suscitam reflexões sobre a natureza da “notícia real” e consideram que as notícias são “suposta e normativamente” baseadas na verdade, o que faz da expressão *fake news* um “oxímoro”, ou seja, o uso conjunto de palavras de sentido contraditório (TANDOC JR.; WEILIM; LING, 2017, p.140).

Notícia – não limitada ao campo comunicacional -, para o que nos interessa, é compreendida aqui como aquela (des)informação que é acessada ou repercutida e que assume

um status de narrativa, de “verdade” direcionada, amparada ou não na lógica ou racionalidade científica<sup>3</sup>. Aquela que deliberadamente quer disputar uma narrativa, disputar o sentido das histórias e concepções. Desinformação esta que estabelece um lugar de conflito, por si só, com os conteúdos educacionais de sala de aula, dificultando o processo ensino/aprendizagem. Algo que converge para o que Damiani (2012) pondera ao afirmar que a capacidade de analisar criticamente o conteúdo que se consome é uma das competências fundamentais para o século XXI. Não basta apenas usar a internet, é necessário descobrir, avaliar, sintetizar e produzir informações.

É preciso reconhecer que existem demandas diferentes diante das novas territorialidades impostas por um contexto espacial que tem apresentado grande complexidade. Assim, é possível perceber que o mundo atual considera como primordial a existência de uma sociedade da informação onde a velocidade da transmissão de dados facilita o acesso ao conhecimento numa realidade onde tempo e espaço apresentam dimensões diferenciadas impulsionadas por essa agilidade condicionada ao recente desenvolvimento técnico informacional. Entretanto, é preciso fazer leituras de paisagens que carregam essas marcas considerando suas complexidades diante de um contexto que incorpore as diferenças e consequências desse processo. Milton Santos (2014) afirma que as diferenças acentuadas numa relação paradoxal com a homogeneização dos espaços e sociedade pode ser tratada como uma globalização perversa que acentua disparidades sociais, violências, degradação ambiental e segregação que constituem formas diferentes de configurações espaciais.

Cavalcanti (2006, p. 30) afirma que o atual contexto é de nova cultura numa espacialidade complexa e que necessita de uma análise mais ampla. Assim é preciso buscar os caminhos metodológicos que nos permitam encontrar o sentido da Geografia Escolar diante dessas novas demandas do mundo e que priorize a possibilidade de desenvolver raciocínios geográficos através de um olhar espacial que permita a compreensão da sociedade, pois não necessariamente, as informações na “era da informação”<sup>4</sup> darão conta de explicar sozinhas a realidade do mundo, pois dificilmente serão guardadas na sua totalidade.

---

<sup>3</sup> Segundo pesquisa elaborada pela First Draft - uma das maiores organizações sem fins lucrativos do mundo focada em pesquisa e prática para lidar com desinformação, que reuniu redes sociais e mais de 40 plataformas digitais de jornalismo e checagem para estudar o combate de notícias falsas e que se debruça sobre a desordem da informação, seus resultados definiram *disinformation* como a informação falsa espalhada de forma deliberada e consciente, a *misinformation* como a informação falsa que é transmitida sem intenção, e a *mal-information* aquela que através de informações verdadeiras tiradas de contexto se torna desinformação. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/educacao/2022/06/01/precisamos-falar-sobre-fake-news/> Acessado em 04/16/2023.

<sup>4</sup> A era da informação é o atual período técnico e científico em que estamos inseridos, caracterizado pelo rápido surgimento e aprimoramento das tecnologias da informação e da comunicação. Esse processo faz com que a distância física entre os territórios deixe de ser um impeditivo para a conexão, criando assim um espaço organizado em redes em que há um intenso fluxo de informações, capitais, mercadorias e pessoas.

O sentido da Geografia Escolar perpassa por essa busca do conhecimento geográfico efetivo e não apenas pelo acesso a uma gama de informações fragmentadas e, frequentemente, descontextualizadas da realidade cotidiana dos alunos dentro de uma realidade que possibilita acesso imediato a diversos dados, mas não valoriza a forma como buscamos e sintetizamos esse arcabouço de temas, muitas vezes, absorvidos de forma superficial e sem aprofundamento de análise.

Cavalcanti (2005, p. 71) afirma que a aprendizagem significativa é resultado da construção do conhecimento. Este, portanto, segundo Callai (2011, p. 94), só se efetiva a partir da utilização de conceitos e categorias que permitam uma análise geográfica da sociedade

O processo de globalização une e separa lugares e espaços. Unir no sentido de encurtar distâncias a partir do desenvolvimento dessas tecnologias de informação. Ao mesmo tempo, disputa hegemonia no mercado global e, portanto, separa e causa conflitos entre territórios. Santos (2014) afirma que a globalização institui um totalitarismo que vem excluindo a democracia a partir da valorização da liberdade humana que corrobora e é direcionada por uma democracia de mercado, em razão de um estímulo a competitividade que tem a desigualdade e a exclusão como norma imposta pelos interesses de organismos mundiais, como Banco Mundial, Unesco e FMI.

Diante desse quadro, é preciso entender que não há imparcialidade na forma como a sociedade impõe seus interesses ideológicos numa lógica de dominação do capital. E, obviamente, a era da informação caminha no mesmo sentido de promover e acentuar disparidades sociais. Há uma tendência atual de valorização da quantificação a partir da matematização da existência, além do estímulo a pesquisas que atuam como formadoras de opinião de forma indiscutível, ou seja, carregam a verdade absoluta sobre determinado assunto. Isso causa empobrecimento de ideias e morte da política (CALLAI; ZENI, 2011, p. 75), um processo de alienação que corrobora para uma democracia que, ao invés de atender interesses do cidadão, atende interesses hegemônicos.

O Banco [Mundial] da mesma forma que o Fundo [Monetário Internacional] tem sido utilizado como instrumento de política externa dos países desenvolvidos no sentido de realização de reformas estruturais nos países em desenvolvimento que refletem os princípios básicos do liberalismo econômico, mas não refletem necessariamente os interesses da maioria da população nesses países (GONÇALVES, 1994 apud SANTOS, 2014, p. 335).

Esse processo de alienação e totalitarismos reflete diretamente no campo da educação, pois também se transforma em quantificações a partir da priorização de índices e resultados que devem ser cumpridos, colaborando para uma fragmentação do conhecimento, empobrecimento

moral e intelectual do cidadão, pois este passa a enxergar o mundo de forma isolada, descontextualizada e permeado por um sentimento homogeneizador.

Considerando as complexidades socioespaciais que estão embutidas na nova era da informação, é preciso discutir de que maneira o acesso a diversos conteúdos pode ser utilizado para reforçar uma realidade já distorcida e organizada com base em interesses específicos que não necessariamente estão em consonância com a construção de uma cidadania ampla e com um processo democrático que valorize uma visão crítica acerca da realidade vivenciada por cada grupo social em sua espacialidade. Cabe aqui, uma abordagem mais detalhada sobre o esquema de informação/desinformação e seus mecanismos de controle político-ideológico a partir da disseminação desenfreada de *fake news*. Entretanto, antes de analisar de maneira minuciosa o fenômeno da *pós-verdade*<sup>5</sup> no atual contexto de expansão do sistema capitalista, é importante perceber que os meios de comunicação sempre exerceram influência na construção de posicionamentos ideológicos específicos e temporais.

São discussões de caráter amplo, sistêmico e complexo, mas reverberam consistentemente no chão das salas de aula, no cotidiano dos alunos dispersos nos smartphones, estando ou não no meio da exposição de conteúdos, indo ou voltado de casa, no trabalho, no estudo ou perto da hora de dormir. Pairam ali os fluxos ininterruptos da (des)informação virtual e constante. E é sobre essa realidade concreta que precisamos nos debruçar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta de oficina será desenvolvida no Colégio Estadual Edmundo Silva, situado na cidade de Araruama, região das baixadas litorâneas, no estado do Rio de Janeiro. A presente instituição é a mais tradicional e antiga da cidade com mais de nove décadas de atuação, tendo sido inaugurada em 11/09/1931. Atualmente, possui segmentos nos três turnos do horário letivo e oferece turmas no curso de formação geral, formação de professores e educação de jovens e adultos – NEJA com um total de 1.459 alunos no ano de 2023. Desse total, 988 alunos estão no curso regular de formação geral, 228 estudantes no curso de formação de professores e 243 matriculados no curso de formação de jovens e adultos (NEJA) A formação de professores, segmento escolhido neste trabalho, está em curso desde o ano de 1982 até o presente momento.

---

<sup>5</sup> O dicionário Oxford (MIDGLEY, 2016) descreve *Pós-Verdade* como um adjetivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais.

Para a execução da proposta, é importante ressaltar aqui as razões pelas quais a oficina não será aplicada em todas as turmas do curso de formação de professores por alguns critérios: 1) não leciono em todas elas e isso dificulta a logística de realização das atividades; 2) pesou escolher uma turma de 1º ano para desenvolver a ação, visto que eles acabaram de ingressar no ensino médio e, além da formação que terão como estudantes do referido segmento, também passarão por uma formação profissional docente; este segundo critério redundava no 3) já que esta mesma turma, no prazo de três anos, receberá habilitação para que atuem como professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, e serão, portanto, professores/multiplicadores de conhecimento.

Esse último item esboça um perfil de público pesquisado que nos interessa porque está em total consonância com o trabalho que deve ser desenvolvido pelos professores dos anos finais do fundamental e ensino médio, pois a educação básica precisa de uma segmentação contextualizada e não fragmentada, visando a formação escolar eficiente, crítica, aprofundada e condizente com a construção cidadã engajada na prática cotidiana do fortalecimento da democracia.

Dessa forma, esta pesquisa se filia à preocupação constante com a formação desses alunos na vida escolar, ao tempo em que busca contribuir para que aprendam a traçar mecanismos que possam utilizar, não somente na própria formação, mas também na de crianças no início da vida escolar, assim que concluírem o ensino médio e começarem a atuar também como professores. Esse ciclo da educação básica é imprescindível para driblar os desafios impostos por uma realidade cada vez mais distorcida pela desinformação nos moldes do que até aqui foi discutido.

Callai (2018) afirma que a educação e a cidadania precisam proporcionar a bagagem conceitual e recursos necessários para compreender a natureza dos problemas e buscar soluções fazendo frente ao incerto e ao desconcertante. Dessa forma, o desafio é educar para a participação de cidadãos ativos diante do compromisso social e trabalho solidário.

Assim, essa educação, em todos os segmentos, precisa ter como principal objetivo a estruturação de uma prática que esteja de acordo com a interpretação dos fenômenos e sua problematização buscando uma visão crítica, cidadã e transformadora. E acrescento a contribuição de Freire (1996) ao analisar a relação entre docência e discência, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 23)

Ensinar e aprender são condições atreladas a produção social e estão imbuídos num exercício de troca constante entre os diversos atores que fazem parte desse processo. Assim é, Freire reforça, que com método e criticidade, o "educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão" (1996, p, 26).

Fica claro, então, que o educador precisa estar atento ao processo de ensino-aprendizagem, não apenas como protagonista dessa troca ou como mero reproduzidor de conteúdos memorizados e fragmentados. O compromisso deve estar em função da troca entre "quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (FREIRE, 1996, p. 23).

Assim, no aprender-ensinando e no ensinar-aprendendo freiriano, o aluno da educação básica precisa ter para sua emancipação cidadã uma educação crítica, consciente, autônoma. E, para tanto, enquanto discente do curso de formação de professores, é necessário a este/a transpor essa formação na vida e no trabalho escolar de outros estudantes nas mais diversas séries e segmentos da educação básica, buscando a conexão entre saberes, vivências, aprendizagens, percepções e práticas que viabilizem interpretações críticas do mundo e promovam a base para importantes transformações socioespaciais. Sobre eles/as pousou o nosso olhar de investigação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É preciso considerar a importância da ciência no sentido de construir conceitos, princípios, linguagens e teorias para explicar a dinâmica da realidade. Afinal de contas, o conhecimento produzido por profissionais de Geografia interessa não só ao campo específico da área, mas à sociedade como um todo. Portanto, sua presença na educação básica é importante na formação de todos os cidadãos para que possam viver o mundo e compreendê-lo melhor.

Para efetivar esse pensamento, é preciso conduzir os conceitos e os conteúdos no intuito de ressignificar o ensino da Geografia. É importante a adoção de aprendizagens ativas em que os alunos se situem como sujeitos de seu processo de forma crítica nas abordagens que permeiam o ensino da Geografia. A formação do pensamento geográfico depende de orientações teóricas, metodológicas e pedagógico-didáticas na produção da ciência geográfica e nas concepções de ensino e aprendizagem dos alunos. É preciso alinhar método/pesquisa e Geografia Escolar para traçar o caminho da construção efetiva desse pensamento geográfico.

Por isso, as oportunidades dadas pela internet não precisam ser demonizadas nem exaltadas a esmo. Sobriamente precisam ser refletidas em avanços e entraves, remodelamento de padrões de consumo e comportamento e novas didáticas para lidar com ela no processo ensino-aprendizagem. É preciso sobretudo observar para onde a onda de informações que produz e reproduz conduz que a consome, medindo os impactos da desinformação no dia a dia e nas salas de aula.

Pensa-se, então, retomando Cavalcanti (2014), que o processo de aprendizagem nas etapas do pensamento prévio e na leitura do seu cotidiano desafiam hoje ainda mais o embasamento teórico acadêmico oferecido pelo professor em sua terceira etapa. O fenômeno da desinformação propagada pelas *fake news* em vários campos do saber atingem também os conteúdos da Geografia, com seus terra-planismos, irrealidades comunistas da conspiração internacional, ditaduras da opinião sem chão na racionalidade.

E assim, pensar em estratégias para combater seus efeitos, intensificados pela utilização crescente das redes sociais por grande parte do contingente de estudantes, é equilibrar o mundo concreto a essa nova era digital. Neste propósito, esse trabalho, ainda em construção, visa trazer contribuições teóricas e didáticas pedagógicas para a reflexão e a ação no cotidiano escolar por professores de disciplinas diversas (além da geografia) e fomentar pensamentos e estratégias múltiplas de superação dos efeitos danosos na era da pós verdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Helena Copetti; ZENI, Bruna Schilindwein. A importância do lugar: construindo a cidadania na fábula perversa do globalitarismo de Milton Santos. **Revista Teoria e Sociedade**, n. 19.1, p. 66- 81, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts/article/view/9/9>>. Acesso em: jun 2023.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, 70: 9-30 (2018). Disponível em

<https://www.scielo.cl/pdf/rgeong/n70/0718-3402-rgeong-70-00009.pdf>. Acesso em 6 abr. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a04v2566.pdf>>. Acesso em: 10 abr 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em geografia**. Goiânia: Vieira, 2006. p. 27- 49.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 2014.



DAMIANI, Amélia Luísa. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel.; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2004. p.11-65.

SANTOS, Milton. “O retorno do território”. In: Santos, Milton; Silveira, Maria Laura e Souza, Maria Adélia (orgs.) **Território – Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994 pp. 15-20.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

TANDOC JR., Edson C.; WEILIM, Zheng; LING, Richard. Defining “fake news” A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v.6, n. 2, p. 137-153, 2018.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2017.1360143>.

Acesso em: 9 nov. 2022.